



AMÂNCIO, Angélica; NEMER, Sylvia; SANTOS, Simão Pedro dos. Apresentação: cordel, cangaço e reconfiguração do épico. In: *Revista Épicas*. Ano 6, N. 12, Dez 22, p. 4-9. ISSN 2527-080-X.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v12>

### APRESENTAÇÃO: CORDEL, CANGAÇO E RECONFIGURAÇÕES DO ÉPICO

Angélica Amâncio (Université de Poitiers)  
Sylvia Nemer (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
Simão Pedro dos Santos (Universidade de Pernambuco)

O décimo segundo número da **Revista Épicas** consagra seu dossiê às representações do cangaço na literatura de cordel. Sabe-se que essa forma de literatura incorpora, muitas vezes, traços distintivos do gênero épico, como o heroísmo, a dupla instância de enunciação e a presença dos planos histórico, maravilhoso e literário. O conceito de heroísmo, no entanto, merece ser revisitado a cada época, especialmente quando se analisam figuras complexas como os cangaceiros, recorrentemente representados nesses folhetos. É sobre essa complexidade que tentamos refletir, neste dossiê que reúne também artigos que discutem as origens do gênero, seu valor histórico e sociopolítico, bem como seus diálogos com diferentes artes e mídias. Além do dossiê temático, esta edição traz ainda o dossiê “*Projet Épopée*”; a “Seção livre” e a seção “Resenha”, que detalharemos após a apresentação dos artigos do dossiê “Cordel, cangaço e reconfigurações do épico”.

O texto que abre o dossiê, DOS FOLHETOS DE CORDEL A OUTRAS ARTES: O IMAGINÁRIO ÉPICO E DRAMÁTICO DE LAMPIÃO, de Gilvan de Melo Santos, propõe uma reflexão acerca dos modos de representação do cangaceiro nas artes do cordel, do cinema, do teatro e da dança. A análise tem como foco principal a figura de Lampião tal como representado em três contextos distintos, a partir do final do século XIX. No primeiro, a ênfase recai sobre o tratamento épico

do personagem. Nas duas fases seguintes, dos anos 1930 em diante, prevalece o estilo dramático com que o cangaceiro passa a ser representado, seja como bandido, seja como herói. O elemento central do novo estilo de representação, segundo o autor, é o processo de migração do nordeste para o sudeste, o avanço da urbanização e a proposta de construção de uma identidade nacional. Nesse processo, o cangaceiro vai adotando um perfil mais de acordo com a vida urbana. Isso, de certo modo, refletiria a ação migratória que passa a ser mais atraente à medida que se amplia o acesso aos supostos benefícios da vida nas cidades. O que está em questão é a ênfase sobre o imaginário construído em torno da figura do cangaceiro e os impactos dessa construção sobre os processos históricos em curso a partir da segunda metade do século XX. Outro ponto interessante da análise é a relação entre o cordel e as outras artes estudadas, sendo estas influenciadas pelas narrativas dos folhetos nos modos de construção da figura do cangaceiro.

Em seguida, temos os trabalhos de Raísa França Bastos e Francisca Pereira dos Santos (Fanka), que se assemelham por extrapolar os limites do artigo acadêmico, mesclando a ele relato pessoal, produção artística e criação literária. Em *DAR VOZ AO TEXTO: IDAS E VOLTAS ENTRE CORDEL E CHANSON DE GESTE – UM EXPERIMENTO ARTÍSTICO E CIENTÍFICO*, Bastos não apenas apresenta uma analogia entre essas duas práticas, tão distantes no tempo e no espaço, como as enlaça, de forma concreta, num projeto de conferência cantada. Realizado em parceria com o músico Augusto de Alencar, esse “experimento”, como a autora o define, consiste em entoar uma *chanson de geste* medieval sobre a melodia de uma toada de cordel. Materializa-se, assim, uma interessante reflexão proposta pela pesquisadora: “Se a tradição se perpetua, é porque algo permanece, podendo ser identificado. Mas se a tradição perdura, também é pela criação que ela permite. Ou seja, se a tradição não for viva, ela dificilmente poderá se fazer tradição dentro de outra cultura”.

Fanka Pereira dos Santos, por sua vez, em *MEMÓRIAS PRÓSPERAS DO CORDEL: DECOLONIZAR O VERSO ÉPICO E A HISTÓRIA DO CANGAÇO*, oferece-nos uma releitura do movimento do cangaço e de suas representações literárias no cordel, por uma perspectiva que ela define como decolonial. Nesse sentido, ela questiona o desdém com que a historiografia convencional costuma tratar o folheto, no que tange a questões como oralidade, testemunho e mulheres nas sociedades patriarcais primitivas. Além disso, a pesquisadora revisita o folheto *O encontro do meu pai com Lampião*, de sua autoria. O texto é fruto de suas memórias “mediatizadas”, como define Marianne Hirsch (2008), pois nele a autora recria, em versos, as histórias que o pai, testemunha ocular e auricular da época de Lampião, contava para a sua filha. Dessa forma, podemos ter acesso a “um outro olhar – um olhar ‘de dentro’ – sobre o cangaço,

diferente daquele que apresenta os bandos como de bandidos violentos e sanguinários facínoras”, afirma.

O quarto texto do dossiê, CANGAÇO: MEMÓRIA, HISTÓRIA, ARTE OU ESTRATÉGIA DE DOMINAÇÃO?, também reflete sobre o cangaço e a literatura de cordel por uma perspectiva dupla – da memória individual e da memória intelectual. A autora, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, nascida no sertão de Alagoas no início da década de 1940, vivenciou – graças a histórias em circulação no seu meio familiar – o fenômeno histórico do cangaço. A partir dos anos 1960, como intelectual, passou a estudar mais profundamente esse fenômeno, tornando-se uma das principais especialistas no tema. O artigo se debruça sobre essa trajetória, pessoal e acadêmica, para refletir sobre uma infinidade de discursos produzidos em torno, principalmente, da figura de Lampião, objeto de estudos acadêmicos, de produções cinematográficas e de uma infinidade de folhetos de cordel. Toda essa produção, intelectual e cultural, é marcada por uma vasta gama de interpretações que variam entre a composição do cangaceiro como herói ou como bandido. No campo da produção intelectual, a autora questiona o uso de certos conceitos para justificar os atos de violência extrema do cangaceiro. Entre tais conceitos, ela destaca os de “escudo ético”, de Frederico Pernambucano de Melo, e de “banditismo social”, de Eric Hobsbawn. A análise busca estabelecer diversos contrapontos críticos aos discursos vigentes sobre o cangaço a partir da década de 1920. Para tanto, a autora apresenta os resultados colhidos em anos de pesquisas sobre a temática e divulga os dados levantados para questionar as teses circulantes.

No artigo MARECHAL DO CORDEL DE CANGAÇO: A ÉPICA SERTANEJA NA PROSA E NO TALHO DE DILA DE CARUARU (1937-2019), Milla Pizzignacco apresenta uma profícua abordagem da poética do cordelista e xilogravador José Soares da Silva, de alcunha Dila de Caruaru, um dos mestres do gênero cordel, sobretudo, na temática do cangaço. O xilogravador, como é comum a muitos cordelistas, ilustrava suas capas. No artigo, ele é nomeado, inclusive, como homem de experimentos, já que, em seu cordel épico-cangaceiresco, inovava ao se colocar como personagem na própria narrativa e ao introduzir minicontos em seus textos. Isto é, havia em seu cordel o verso tradicional, a prosa e inclusive elementos de metalinguagem. Quanto à arte da xilogravura, além da madeira, tradicionalmente espaço para este fim, o artista perpetrava experimentações, estudos, em materiais como a borracha, o que o coloca na vanguarda da arte textual visual que produzia. Convém destacar que o artigo enfatiza a produção do artista em narrativa do universo dos cangaceiros entre meados dos anos de 1970 e inícios de 1980. A poética de José Soares Dila merece a atenção de mais estudiosos do tema, pois, embora seja uma obra instigante, ainda não foi objeto de muitas reflexões acadêmicas. O artigo ora apresentado é um instigar a estudos vindouros. O olhar acadêmico ao mundo poético de José Soares, bem como à sua produção gráfica, faz-se necessário, já que o cordel, a xilogravura e o

cangaço formam teia épica ao olhar, ao sentir, ao fazer e à natureza investigativa da parte que cabe ao latifúndio da academia.

O dossiê encerra-se com A REINVENÇÃO DA ÉPICA DO CANGAÇO NA POÉTICA DE DILA, de Antonio Helonis Borges Brandão. O pesquisador também analisa o trabalho de Dila do Caruaru, artista que, em seus cordéis, faz redivivo o universo cangaceiro em narrativa épica. Como assinala Brandão, o poeta traz “memórias reconstruídas e reinventadas”, o que alimenta a narrativa tornada comum ao gênero cordel. Em seu texto, o autor busca ainda compreender a complexidade dos escritos do poeta e do xilogravador, que circulava pelas sendas oníricas, seguramente, no que diz respeito ao texto e ao material de ilustração por ele trazido às capas. O recorte textual para o estudo ora apresentado se dá, principalmente, no cordel *Os Lampiões*, cuja temática versa sobre a matéria épica do cordel brasileiro, com ênfase, conforme o próprio título, nos cangaceiros. Sustenta-se que o cordelista inovava a linguagem textual ao ampliá-la, mesclando, à narrativa em versos, o diálogo com minicontos. Há ainda a proposta de se compreender o autor, bem como a recepção à sua obra pela crítica. Em incursão que percorre a tradicional marca das narrativas de cordel, a forma fixa, cultivada pelo poeta caruaruense, o artigo nos mostra que o autor também disso se apartava, ao elaborar um texto que propunha a quebra de paradigmas nessa mesma linguagem. O estudo teoriza sobre esse processo criativo que trafega por caminhos de inteligência textual e de sagacidade, uma vez que não se detém à tradição. E, mesmo ao rompê-la, não deixa de cultivá-la, nutri-la e robustecê-la de elementos textuais outros, em diálogo que resulta enriquecedor à obra poética do cordelista pernambucano.

Passamos, então, para a seção “*Projet Épopée*”. Dirigido por Florence Goyet, o dossiê apresenta traduções para o português de artigos publicados na revista *Recueil Ouvert*. Esta edição traz dois textos. O primeiro artigo é MODELOS EUROPEUS ATRAVÉS DO PRISMA DO REGIONALISMO OU DA SINGULAR REINVENÇÃO DO ÉPICO EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA* (1992), DE RACHEL DE QUEIROZ, de autoria de Julie Brugier, que dimensiona a presença épica no romance de Rachel de Queiroz a partir da análise da “desterritorialização dos modelos europeus” presente na obra, que Brugier define como uma “epopeia refundadora” dentro de um contexto político brasileiro de crise.

O segundo texto é OS CORPORA CANÔNICOS DA ANTIGUIDADE GREGA E CHINESA SOB O PRISMA DA LITERATURA MUNDIAL: QUAIS SÃO OS TERRITÓRIOS DOS POEMAS HOMÉRICOS E DO *LIVRO DE ODES (SHIJING)*? assinado por Tristan Mauffrey. Nele, o autor apresenta as reflexões teóricas comparatistas de Alexander Beecroft, com ênfase nas “ecologias literárias” e na inclusão de corpora poéticos de culturas distantes no campo da literatura mundial, tendo

como exemplos de observação os poemas homéricos e o clássico chinês do *Livro de Odes* (*Shijing*).

A “Seção livre” apresenta duas contribuições, uma em espanhol e outra em inglês. A primeira é DESFIGURACIÓN DEL OTRO: LA REPRESENTACIÓN DEL INDIÓ CARIBEÑO EN LA COLUMBEIS (ROMA, 1589) DE GIULIO CESARE STELLA, em que Manuel Antonio Díaz Gito aborda os determinantes ideológicos, literários e religiosos relacionados à imagem, elaborada na epopeia *Columbeis*, dos índios caribenhos, para, em seguida, analisar o processo poemático de desfiguração do aborígine antilhano, considerando uma caracterização que o relaciona a um campo semântico que reúne agressividade, belicosidade, nudez ameaçadora, promiscuidade sexual, entre outras.

No segundo artigo da “Seção livre”, THE NORTH-SAMOYEDIC EPIC (SIBERIAN ARCTIC). HOW CAN A NEWLY AFFLUENT SOCIETY SOLVE THE PROBLEM OF ALLIANCE?, Jean-Luc Lambert dimensiona as características dos cantos épicos do povo samoiedo da Sibéria, destacando a associação dessas obras com o rápido desenvolvimento da criação de renas nos grupos samoiedos e à configuração de sociedade pastoril que teria levado ao limite uma lógica de acumulação.

Por fim, em “Resenha”, esta edição apresenta (DES)AMOR EM MEMÓRIA, de Andreia de Lima Andrade, que versa sobre a obra *Memorial do (des)amor* (Caruaru, PE: WDimeron, 2021), de autoria de Fabio Mario Silva.

Para concluir, em nome da **Revista Épicas**, os Organizadores manifestam sincera gratidão ao cordelista e xilogravador J. Borges, que gentilmente enalteceu esta edição, cedendo-lhe a gravura “Lampião de Maria Bonita”. J. Borges é Patrimônio Vivo de Pernambuco, título que o Estado outorga aos mestres da cultura popular reconhecidos como Patrimônios Imateriais<sup>1</sup>. Igualmente, agradecem a Pablo Borges, que segue as veredas do mestre pernambucano, seu pai, e contemplou a revista com sua obra “Maria Bonita e Lampião”. As duas imagens juntaram-se para compor a capa, pelas mãos não menos talentosas de Milla Pizzignacco, a quem se agradece por sua generosa sensibilidade.

Nossa gratidão se dirige também, é claro, aos pesquisadores e pesquisadoras, por suas valiosas contribuições. E aos leitores e leitoras, por prestigiarem este número da **Revista Épicas**, tecido com tanto esmero e dedicação.

---

<sup>1</sup> O artista trabalha e recebe visitas em seu Ateliê, situado no Bairro Novo, em Bezerros-PE, sua cidade natal. Contato: <https://www.instagram.com/memorialjborges/>



J. Borges e Pablo Borges em seu ateliê, em Bezerros-PE (Foto: Pablo Borges)